

NOTAS PARA UMA GEOGRAFIA DOS DESPORTOS RADICAIS EM PORTUGAL

Lúcio Cunha – Centro de Estudos Geográficos de Coimbra

Fernanda Delgado Cravidão – Centro de Estudos Geográficos de Coimbra

Resumo

A Revolução Industrial trouxe profundas modificações nos conceitos de tempo de trabalho, de tempo livre e nas relações entre o tempo e o espaço. O turismo, actividade onde o tempo livre é fundamental, surge assim como consequência e segundo alguns autores, como uma criação da Era Industrial. No entanto, o final do milénio tem sido caracterizado por profundas mudanças sociais que passam, entre outras, pelo mundo do trabalho, pelo tempo de lazer em geral e pelo turismo em particular. Descobrem-se novos percursos, reinventam-se itinerários, exploram-se recursos até agora quase ignorados. Surgem, assim, novas formas de ocupação do tempo livre onde o imaginário, o real e o virtual se cruzam com as novas necessidades do comportamento humano onde o risco e a aventura estão quase sempre presentes.

Na última década tem vindo a assistir-se a um acréscimo acentuado dos chamados Desportos Radicais. Aqui, quase tudo se cruza. O risco, os novos percursos, o contacto com a natureza... Isto é, assiste-se a uma cumplicidade entre o natural e o social consumida essencialmente pelas sociedades ocidentais.

Pretende-se, com esta comunicação, mostrar como Portugal não ficou alheio a este fenómeno que, em alguns casos, pode vir a assumir importância local e regional contribuindo para construir novas e melhores imagens de alguns “espaços naturais” no território nacional.

1 – Introdução

O final do milénio tem sido caracterizado por profundas mudanças sócio-culturais que passam por novos conceitos de tempo, novas estruturas no mundo do trabalho, por novos comportamentos demográficos, novos conceitos de lazer (MENDES, 1988 e MENDES e SANTOS, 1991) e também novas formas de praticar desporto (JACINTO e MALTA, 1993) ou de fazer turismo (CRAVIDÃO e CUNHA, 1991 e 1996). Descobrem-se outros percursos, reinventam-se itinerários, exploram-se recursos que se mantiveram à margem do consumo habitual do território. Surgem, assim, novas formas de ocupação do tempo livre, onde o imaginário, o real e o virtual se cruzam com as novas necessidades criadas por uma sociedade cada vez mais urbana. Necessidades onde a aventura e o risco começam a estar presentes no quadro das actividades de lazer e de ocupação dos tempos livres.

Na última década tem vindo a assistir-se a um acréscimo acentuado dos chamados *Desportos Radicais*¹. Aqui quase tudo se cruza. A aventura, o risco, a superação de limites, os

¹ De acordo com o Dicionário de J. Pedro MACHADO (1981), *Radical* (adj.) significa, entre outras coisas, completo, decisivo, profundo.

Não é fácil definir *Desporto Radical*. A mesma actividade, canoagem, por exemplo, poderá não ser assim considerada quando estruturada, organizada, pelos diversos clubes náuticos. Pelo contrário, quando assim não acontece, pode ser

novos percursos, o contacto com a Natureza. Isto é, existe uma cumplicidade entre o sentimento individual e o comportamento colectivo, entre o social e o natural que tem vindo a ser progressivamente consumida em particular pelas sociedades ocidentais (ver, a propósito, BOUET, 1989 e UMBELINO, 1996, p. 217).

Esta comunicação tem como objectivo por um lado, fazer uma primeira abordagem deste fenómeno e mostrar como Portugal não lhe ficou alheio e por outro mostrar como, em alguns casos, pode vir a assumir importância local e regional, e até mundial, contribuindo para construir novas e renovadas imagens de alguns “espaços naturais” no território nacional. Por outro lado, julgamos que espelha, já, algumas linhas fundamentais que deverão caracterizar a actual Geografia dos *Desportos Radicais* em Portugal.

2 – Geografia, tempo livre e desportos radicais

O aparecimento e rápido desenvolvimento dos *Desportos Radicais* veio introduzir toda uma série de hábitos, comportamentos e atitudes, principalmente na população mais jovem, a que as Ciências Sociais não podem ficar alheias. Tal como afirma Luís CUNHA (1989), “a televisão e a literatura oferecem ao comum dos cidadãos um conjunto de imagens criadoras de motivações, pelos planos que revelam e pelos valores que com elas transportam”. Também a publicidade explora cada vez com mais frequência imagens que transmitem a satisfação de ultrapassar um “rápido” ao fazer-se canoagem, ou o êxito conseguido numa competição de bicicleta de todo o terreno (BTT) – entre muitos outros exemplos –, contribuindo para que a difusão destas actividades se torne cada vez mais rápida.

À necessidade de criar rupturas com o quotidiano junta-se à necessidade de construir maiores capacidades de autodomínio o que leva à procura de actividades que respondam a estas novas solicitações. Se, por um lado, são desportos que testam os limites físicos, confrontam o indivíduo com situações extremas, desenvolvem e devolvem de alguma maneira o sentido da existência, por outro, criam novas linguagens, geram o aparecimento de grupos que se identificam não só pelo vocabulário, onde o estrangeirismo domina, como pelas as roupas/marcas que usam, pela música que consomem.

Aqui podem colocar-se várias questões: o que importam à Geografia estas alterações de comportamento? E estas “novas tribos” que se formam? E esta outra forma de lazer? Como Ciência Social importará sempre. Mas, os praticantes do *Desportos Radicais* são utilizadores, consumidores e, mesmo, transformadores de espaços com determinadas características, e aqui a Geografia está no seu campo privilegiado. Além disso, e como se verá, pela sua própria característica, este novo modo de ocupação do tempo livre, desenvolve-se, quase sempre, em territórios que até aqui não tinham tido qualquer utilização lúdica massificada. Estão, em parte, fora dos eixos tradicionais de desenvolvimento e exploram o contacto directo com a Natureza. Por outro lado, a estrutura de algumas de estas modalidades e o modo como são praticadas pode pôr em causa, em certos casos, o frágil equilíbrio ambiental. Também, e pelo contrário, alguns destes desportos, podem ajudar, pela publicidade que lhes está frequentemente associada, a promover áreas deprimidas, e neste sentido podem contribuir para algum desenvolvimento local.

incluída neste grupo de desportos. Trata-se de um conceito muito relativo, de contornos ténues, sendo por isso sempre com alguma precaução que o utilizamos. Julgamos, no entanto, que a percepção da população que os pratica, é um importante elemento a ter em conta nesta definição.

Ajudando a construir novas imagens de áreas periféricas vão muitas vezes ao encontro do imaginário da população urbana, em cuja história familiar se encontra, não raras vezes, ligações com esses espaços.

Ao contrário do que tem sucedido com outras formas de lazer, os *Desportos Radicais* não tardaram a chegar a Portugal. A rápida difusão de informação-televisão com programas específicos, divulgação escrita com revistas especializadas, Internet..., associados a publicidade tecnicamente muito bem estudada, encarregaram-se de fazer chegar a alguns grupos de população este tipo de desporto. Embora não em simultâneo com outros países – Estados Unidos, Austrália, Inglaterra, entre outros –, o território nacional rapidamente entrou na lista de sítios obrigatórios de campeonatos mundiais. Vejam-se os exemplos das provas de Surf que tem lugar na praia do Guincho, de Body Board na Figueira da Foz ou na Praia Grande no concelho de Sintra. Além disso, o território nacional usufrui de espaços privilegiados para este tipo de desportos. Desde excelentes condições ligadas ao mar – tipo de costas, amplitude de marés, orientação de ventos dominantes e do próprio clima –, até à diversificada morfologia do relevo aliada a condições climáticas locais, são muitos os recursos naturais onde este tipo de ocupação do tempo livre pode desenvolver-se. Cite-se, apenas, o dinamismo que está associado aos circuitos/campeonatos de Bicicleta de Todo o Terreno (BTT) e que percorre praticamente todo o país. Da Serra da Freita, à Gardunha, passando pelas Serras da Arrábida, Açor, Montesinho, entre outros exemplos, todo o território é percorrido e (re)descoberto pelos praticantes de esta modalidade.

3 – Metodologia

Este primeiro trabalho resulta da investigação realizada ao longo do ano lectivo de 1996/97, por 15 formandos do Seminário do Ramo de Formação Educacional¹, que como se sabe, faz parte da formação curricular do Estágio para alunos licenciados em Geografia. Em dois dos Seminários cuja orientação pertenceu aos autores desta comunicação, tentou encontrar-se, de acordo com os formandos, um tema que pudesse caber na estrutura do mesmo, e por outro lado onde os alunos das escolas tivessem participação activa².

De uma forma breve faremos referência à metodologia utilizada. Cada formando fez, na escola onde trabalhava, cerca de 50 inquéritos repartidos por duas turmas, totalizando, por isso, o conjunto de cerca de 750 inquéritos. Depois de todos realizados cada aluno do Seminário tratou também 50 inquéritos – duas turmas –, mas sendo 25 de uma escola diferente daquela onde estava colocado. Isto é, processou-se uma distribuição de todos os inquéritos de modo a que cada formando pudesse comparar escola diferentes: aquela onde trabalhava e uma outra onde estagiava um colega seu. Finalmente, cada aluno fez um relatório que serviu também de objecto de avaliação do Seminário.

Para o trabalho preliminar que agora se apresenta, foi necessário um tratamento de conjunto dos inquéritos realizados, já que os relatórios apenas fornecem uma leitura muito incompleta e

¹ Participaram neste trabalho os seguintes professores-estagiários de Geografia: Anabela Lourenço, A. Augusto Silva, Carla Vaz, J. Miguel Gonçalves, J. Miguel Silva, Luisa Sebastião, M. Nazaré Monteiro, M. Fernanda Marta, Márcia Reis, N. A. Baptista, Nuno Silva, Odete Bernardino, Paula Esteves, Sandra Teixeira e Sílvia Evangelista.

Neste momento em que se reúnem, confrontam e discutem os dados por cada um deles levantados e trabalhados, cumpre-nos agradecer-lhes o modo aberto e empenhado como encararam este trabalho.

² Veja-se o mapa de localização das diversas escolas onde decorreram os inquéritos.

parcial. Tratando-se de uma primeira abordagem, esta deve, portanto, ser entendida com algumas reservas. A principal está, certamente, na dimensão da amostra e na distribuição social e espacial dos inquiridos. De facto, ao inquirir apenas estudantes do Ensino Secundário e ao limitar a amostra aos de algumas Escolas da Região Centro, temos a certeza de alguma falta de representatividade. Por outro lado, os dados que agora se apresentam resultam de uma primeira leitura dos inquéritos efectuados, sem que tenham ainda sido feitos todos os cruzamentos possíveis entre a vasta informação recolhida. No entanto, os resultados preliminares assim obtidos contêm já algumas das “ideias-força” estruturantes desta nova forma de ocupação dos tempos livres de alguns dos grupos que constituem a população portuguesa e nomeadamente da sua juventude. Pesamos que uma análise mais rigorosa, que pretendemos vir a efectuar mais tarde, só virá confirmar estas tendências.

4 – Análise dos resultados do inquérito

A amostra utilizada diz respeito exactamente a 740 inquéritos, distribuídos de modo não uniforme por 9 Escolas da Região Centro (ver quadro I e figuras 1 e 2). O número de inquéritos por Escola varia de um máximo de 195, na Escola Adolfo Portela de Águeda, e um mínimo de 49, nas Escolas Secundárias de Figueiró dos Vinhos e de Pombal.

Quadro I - CARACTERIZAÇÃO DO AMOSTRA - Sexo, idade e grau de instrução do pai do inquirido

Escola	NºInq.	Sex. Masc.		Idade dos inquiridos						Grau Instrução do Pai			
		N	%	<17 anos		17-18 anos		>18 anos		E. Primário		E. Superior	
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Adolfo Portela - Águeda	195	84	43,1	73	37,4	100	51,3	22	11,3	92	47,2	19	9,7
Fr. Heitor Pinto - Covilhã	50	23	46,0	3	6,0	44	88,0	3	6,0	19	38,0	10	20,0
D. Duarte - Coimbra	101	37	36,6	26	25,7	61	60,4	14	13,9	50	49,5	13	12,9
Figueiró Vinhos	49	25	51,0	9	18,4	33	67,3	7	14,3	35	71,4	0	0,0
Mealhada	100	35	35,0	68	68,0	26	26,0	6	6,0	47	47,0	5	5,0
Mira	50	12	24,0	24	48,0	24	48,0	2	4,0	40	80,0	1	2,0
Montemor	50	24	48,0	38	76,0	10	20,0	2	4,0	31	62,0	2	4,0
Dr. Daniel Matos -Poiares	96	27	28,1	27	28,1	50	52,1	19	19,8	67	69,8	0	0,0
Pombal	49	22	44,9	19	38,8	20	40,8	10	20,4	26	53,1	5	10,2
TOTAL:	740	289	39,1	287	38,8	368	49,7	85	11,5	407	55,0	55	7,4

Talvez como reflexo da situação económica e social do nosso País, que leva muitos dos jovens, sobretudo os rapazes, ao abandono precoce da Escola para ingresso no mercado de trabalho, a amostra revela um claro predomínio das raparigas (61%) sobre os rapazes (39%). Claro que a situação é sensivelmente diferente de Escola para Escola, muito na dependência das turmas inquiridas e das áreas disciplinares a que pertencem, mas, de qualquer forma, a tendência geral é de um nítido predomínio das raparigas sobre os rapazes (que chega a ser de 76% para 24% em Mira e em que apenas a Escola Secundária de Figueiró dos Vinhos revela um ligeiríssimo predomínio dos rapazes – 51%). No que diz respeito à idade dos inquiridos, esta situa-se predominantemente na faixa abaixo dos 19 anos, já que apenas cerca de 12% dos inquiridos tem idade igual ou superior a esta (cerca de 20% nas Escolas de Pombal e de Poiares). Quanto ao grau de instrução e à classe profissional dos pais dos estudantes inquiridos, a situação é também

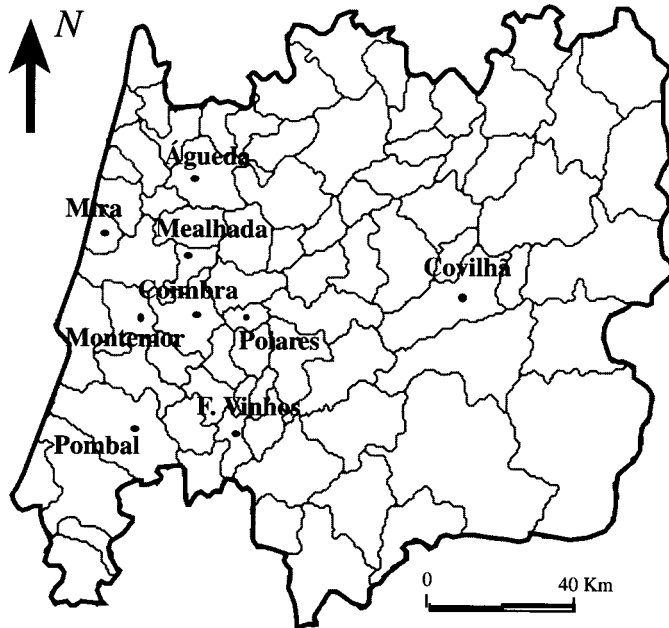


Fig. 1 – Localização das Escolas em que decorreram inquéritos

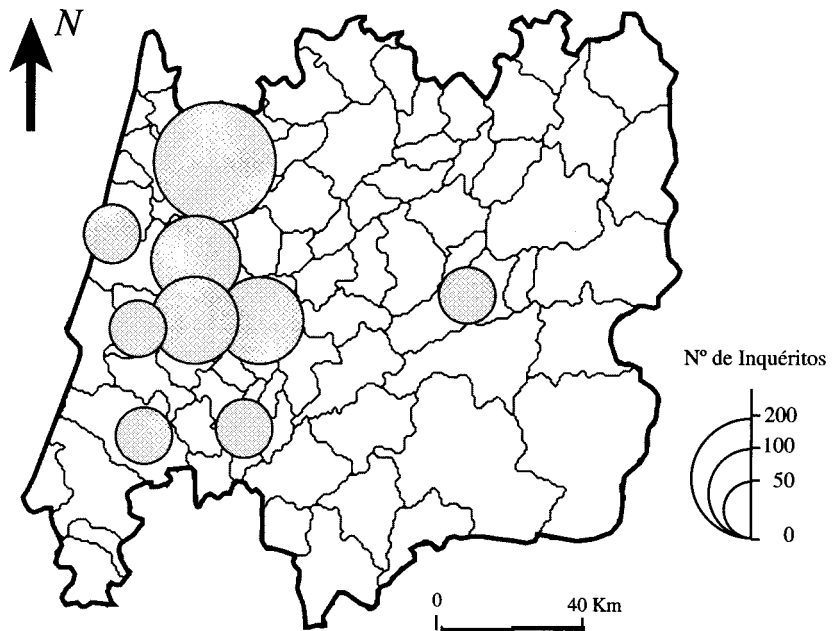


Fig. 2 – Número de inquéritos realizados

bastante diversa de Escola para Escola. De qualquer modo, pode, sem dúvida, afirmar-se que o

grau de instrução dos pais é relativamente baixo (55% dos pais têm como instrução apenas o chamado Ensino Primário e só 7% têm instrução de nível superior). Destaque-se, no entanto, que as Escolas situadas nos concelhos mais industrializados ou urbanizados, como acontece com Águeda, Covilhã, Coimbra e Pombal, apresentam níveis de instrução francamente mais elevados (ensino primário sempre abaixo dos 55% e ensino superior sempre acima dos 10 %).

Também no que diz respeito ao hábito de fazer férias fora do local habitual de residência (quadro II), que pensamos ser um importante factor na introdução e divulgação da prática de *desportos radicais* verificamos uma diversidade significativa entre os alunos das várias Escolas, que parecem poder dividir-se em dois grupos: às Escolas de Águeda, Covilhã, Coimbra e Pombal, atrás tidas como pertencentes a concelhos mais industrializados e urbanizados, junta-se agora a Mealhada num grupo em que pelo menos 75 % dos estudantes declararam fazer férias fora do seu lugar de residência. Destaquem-se dois factos: o primeiro é que pelo menos em duas das Escolas, Mira e Figueiró dos Vinhos, mais de metade dos alunos indicam não fazerem férias fora da residência habitual, e o segundo diz respeito ao relativamente elevado número de estudantes que declaram passar as suas férias no Estrangeiro, o que parece relacionar-se antes de mais com o importante papel que a emigração desempenhou nos movimentos demográficos recentes das populações da Região Centro do nosso país.

Quadro II - CARACTERIZAÇÃO DO AMOSTRA - Local de Férias dos inquiridos

Escola	Nº	Fez férias		Estrangeiro		Praias Norte		Praias Sul	
		N	%	N	%	N	%	N	%
Águeda	195	157	80,5	13	6,7	77	39,5	21	10,8
Covilhã	50	44	88,0	3	6,0	12	24,0	24	48,0
Coimbra	101	91	90,1	3	3,0	38	37,6	29	28,7
Figueiró Vinhos	49	22	44,9	1	2,0	9	18,4	4	8,2
Mealhada	100	83	83,0	4	4,0	48	48,0	18	18,0
Mira	50	25	50,0	6	12,0	5	10,0	8	16,0
Montemor	50	28	56,0	1	2,0	14	28,0	6	12,0
Poiares	96	68	70,8	3	3,1	27	28,1	4	4,2
Pombal	49	38	77,6	10	20,4	13	26,5	1	2,0
TOTAL:	740	556	75,1	44	5,9	239	32,3	71	9,6

Também um importante factor na predisposição para a prática de desportos radicais é a prática habitual de actividades desportivas na ocupação dos tempos livres dos jovens (quadro III). Verifica-se que mais de metade (55%) dos jovens declaram praticar habitualmente um ou mais desportos com uma nítida primazia dos desportos colectivos “tradicionais” como o futebol, o basquetebol e o voleibol sobre o ciclismo, a ginástica e a natação.

Em relação aos *desportos radicais*, verifica-se que estes, apesar de ainda pouco praticados pelos jovens estudantes inquiridos, são no entanto bem conhecidos de todos, tanto no que diz respeito às diferentes modalidades que neste grupo se podem enquadrar, como no que se refere às motivações que levam à sua prática.

III Congresso da Geografia Portuguesa

Quadro III - CARACTERIZAÇÃO DO AMOSTRA - Prática de actividades desportivas

Escola	Nº	Prát. Desportos		Prát. Futebol	
		N	%	N	%
Águeda	195	132	67,7	15	7,7
Covilhã	50	30	60,0	3	6,0
Coimbra	101	45	44,6	10	9,9
Figueiró Vinhos	49	31	63,3	7	14,3
Mealhada	100	55	55,0	18	18,0
Mira	50	35	70,0	10	20,0
Montemor	50	19	38,0	12	24,0
Poiares	96	29	30,2	3	3,1
Pombal	49	29	59,2	16	32,7
TOTAL:	740	405	54,7	94	12,7

Assim, praticamente todos os inquiridos declaram saber o que são e quais são os desportos radicais (quadro IV). As respostas à questão “Indica três desportos radicais”, permite-nos ter uma ideia das preferências dos inquiridos e saber se as condições mesológicas locais ou regionais interferem nessa escolha. Nota-se, desde logo, uma enorme dispersão das respostas por um leque muito variado de actividades algumas delas de duvidosa inclusão neste grupo de *desportos* (por exemplo: o montanhismo poderá ser visto como um desporto?) *radicais* (por exemplo: à canoagem, tal como é praticada pelas escolas e clubes náuticos, no Mondego, poderá ser aplicado o adjectivo radical?). Talvez fruto dos processos de divulgação e da TV, os desportos radicais mais populares são, claramente, aqueles que se ligam ao mar e à praia (“Surf”, referido por cerca de 55% dos inquiridos, e “Body Board”, apontado por 32%). Segue-se a prática de ciclismo em bicicletas de todo o terreno (BTT), um desporto claramente ligado ao campo e à natureza (27%). Ainda neste grupo de desportos ligados à natureza aparece a referência à prática da canoagem, referida por 9% dos estudantes. As actividades de carácter mais “urbano”, como “skate” e “in line” aparecem logo a seguir ao BTT, recolhendo a preferência de 23 e 12 % dos inquiridos, respectivamente.

Quadro IV - Grau de conhecimento sobre Desportos Radicais

Escola	Nº	Surf		Body Board		BTT		Skate		Patinagem		Canoagem		Outros	
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Águeda	195	107	54,9	73	37,4	45	23,1	24	12,3	27	13,8	8	4,1	148	75,9
Covilhã	50	10	20,0	1	2,0	15	30,0	4	8,0	7	14,0	0	0,0	16	32,0
Coimbra	101	44	43,6	23	22,8	19	18,8	14	13,9	9	8,9	16	15,8	73	72,3
Figueiró Vinhos	49	25	51,0	12	24,5	18	36,7	11	22,4	2	4,1	3	6,1	66	134,7
Mealhada	100	68	68,0	45	45,0	24	24,0	35	35,0	12	12,0	0	0,0	55	55,0
Mira	50	38	76,0	25	50,0	21	42,0	20	40,0	11	22,0	12	24,0	30	60,0
Montemor	50	22	44,0	9	18,0	23	46,0	10	20,0	3	6,0	10	20,0	23	46,0
Poiares	96	68	70,8	38	39,6	19	19,8	33	34,4	16	16,7	5	5,2	84	87,5
Pombal	49	23	46,9	9	18,4	14	28,6	17	34,7	5	10,2	10	20,4	42	85,7
TOTAL:	740	405	54,7	235	31,8	198	26,8	168	22,7	92	12,4	64	8,6	537	72,6

No que respeita à distribuição espacial destas respostas, nota-se uma clara influência das condições ambientais (no sentido do conjunto de condições naturais, sociais e culturais que envolvem a Escola e os alunos), nas preferências apontadas. Alguns exemplos: os desportos de praia (Surf e Body Board) ocupam o primeiro lugar na Escola de Mira e o último na Escola da Covilhã; a canoagem destaca-se claramente nas Escolas servidas por importantes “espelhos de água” necessários para esta prática: D. Duarte (Coimbra), Mira, Montemor e Pombal; as únicas referências ao “motocross” (desporto radical?) aparecem exactamente na Escola de Águeda, uma cidade em que este desporto tem tradições bem vincadas.

Que procuram os jovens na prática dos desportos e das actividades radicais? Pedimos-lhes que associassem três palavras à ideia deste tipo de actividades. Apesar do carácter incompleto do tratamento feito, revela-se muito claramente a preferência pela associação destas actividades a termos como “adrenalina”, “perigo”, “coragem”, “loucura”, “medo”, “emoção”, etc. Procurando analisar as respostas dadas (quadro V) e apesar de sabermos do carácter artificial deste tipo de classificações e mesmo da interacção entre as várias famílias de termos, enquadrámos os vários termos referidos em três grandes grupos que sugerissem, respectivamente, sentimentos de emoção, divertimento e liberdade. A primazia vai claramente para o conjunto de termos do grupo “emoção”, vindo muito atrás, as referências a termos ligados ao divertimento e à liberdade.

Quadro V - Grupos de termos associados ao conceito de Desportos Radicais

Escola	Nº	N. Ref.	Emoção		Diversão		Liberdade		Outros	
			N	%	N	%	N	%	N	%
Águeda	195	117	66	56,4	13	11,1	5	4,3	33	28,2
Covilhã	50	23	18	78,3	0	0,0	1	4,3	4	17,4
Coimbra	101	104	77	74,0	8	7,7	8	7,7	11	10,6
Figueiró Vinhos	49	94	61	64,9	17	18,1	4	4,3	12	12,8
Mealhada	100	28	13	46,4	3	10,7	1	3,6	11	39,3
Mira	50	118	61	51,7	32	27,1	10	8,5	15	12,7
Montemor	50	0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Poiães	96	156	72	46,2	25	16,0	14	9,0	45	28,8
Pombal	49	27	16	59,3	5	18,5	2	7,4	4	14,8
TOTAL:	740	667	384	57,6	103	15,4	45	6,7	135	20,2

Como já referimos é muito reduzido o número de jovens que efectivamente praticam desportos ou actividades ditas radicais. No conjunto das Escolas analisadas apenas 144 ou seja menos de 1/5 dos jovens estudantes inquiridos afirmam praticar desportos ou actividades radicais (quadro VI e fig. 3). Curiosamente é na Escola de uma pequenas localidade do Interior (Figueiró dos Vinhos) que o número relativo de praticantes é maior (38,8%). Também nesta distribuição é possível encontrar, já nesta análise preliminar, algumas relações com as condições geográficas e ambientais das áreas de localização das Escolas. Assim, os desportos associados ao mar e à praia (Surf e Body board) estão particularmente representados nas Escolas mais próximas da linha de costa, como é o caso de Mira (cerca de 44% do total de actividades praticadas), Mealhada, Águeda, Pombal e Montemor (fig. 4). Nas Escolas colocadas mais no Interior do País (Figueiró dos Vinhos e Covilhã) não chega a registar-se a prática destas modalidades. Por outro lado, vão

ser exactamente estas duas Escolas do Interior aquelas em que a prática das actividades ligadas à Natureza (caso da BTT) têm expressão mais significativa (mesmo acima dos 50%; fig. 5). O mesmo raciocínio pode aplicar-se à justificação dos valores da prática da canoagem encontrados nas Escolas de Coimbra, Mira e Montemor (fig 6).

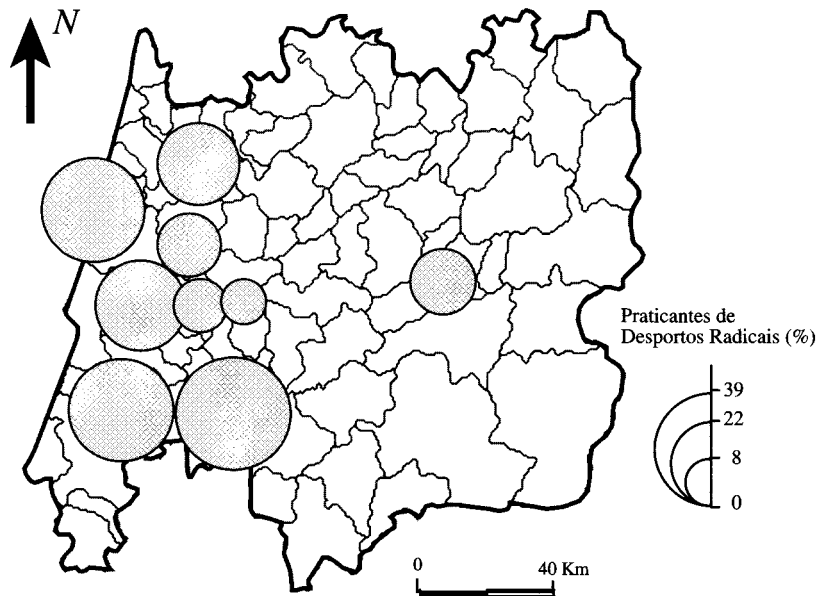


Fig. 3 – Distribuição espacial dos praticantes de desportos radicais

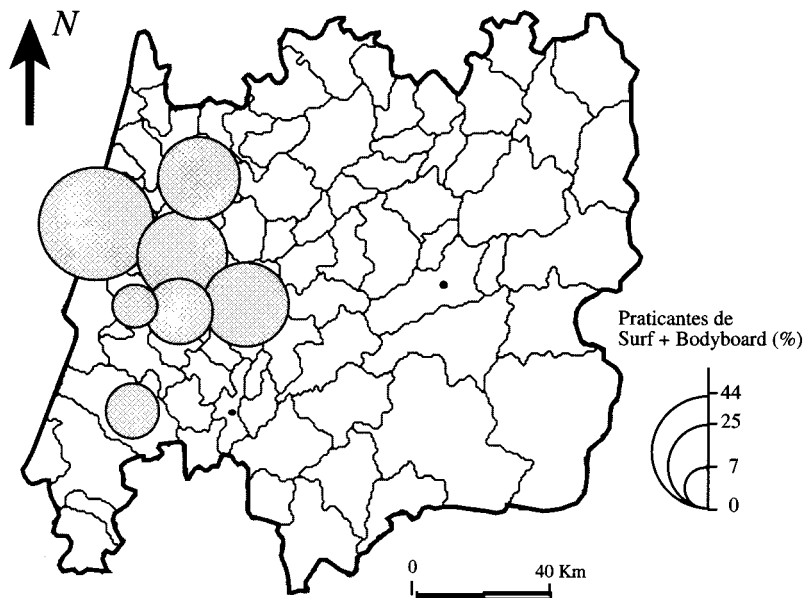


Fig. 4 – Distribuição espacial dos praticantes de Surf + Bodyboard

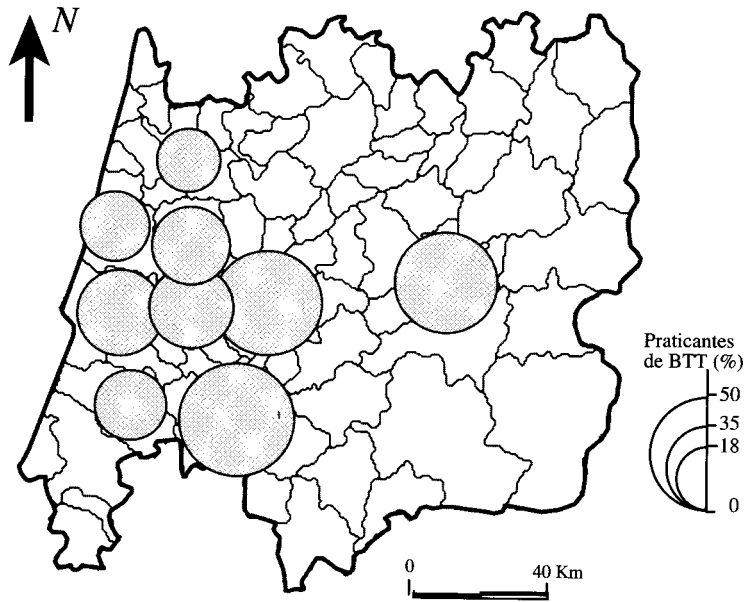


Fig. 5 – Distribuição espacial dos praticantes de Bicicleta de Todo o Terreno (BTT)

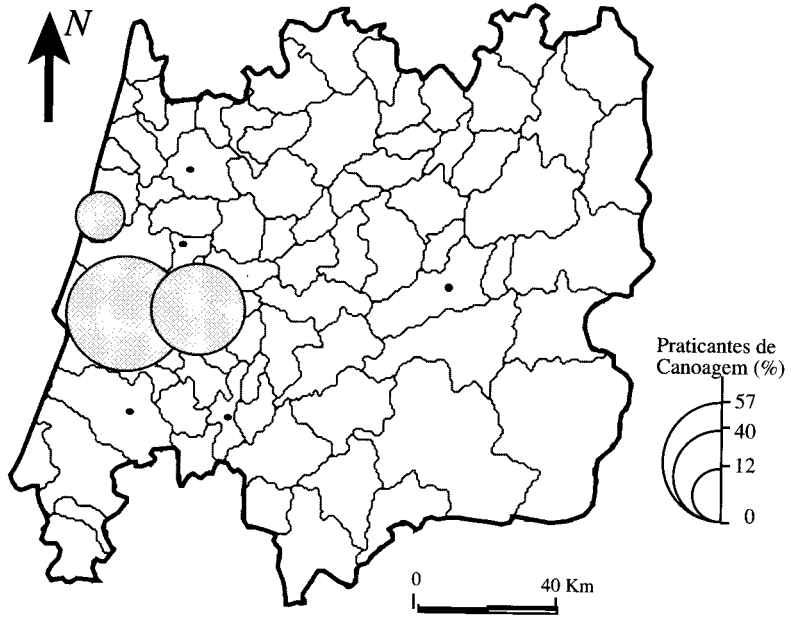


Fig. 6 – Distribuição espacial dos praticantes de Canoagem

III Congresso da Geografia Portuguesa

Quadro VI - Prática de Desportos Radicais por "modalidade"

Escola	Nº	Pratic. D. Rad.		Surf	BB	BTT	Skate	Pat.	Can.	Out.	Total
		N	%								
Águeda	195	43	22,1	11,6	11,6	18,6	9,3	25,6	0,0	55,8	132,6
Covilhã	50	8	16,0	0,0	0,0	50,0	12,5	25,0	0,0	12,5	100,0
Coimbra	101	10	9,9	0,0	10,0	30,0	0,0	0,0	40,0	60,0	140,0
Figueiró Vinhos	49	19	38,8	0,0	0,0	52,6	15,8	10,5	0,0	47,4	126,3
Mealhada	100	11	11,0	0,0	27,3	27,3	0,0	36,4	0,0	27,3	118,2
Mira	50	16	32,0	18,8	25,0	25,0	12,5	18,8	12,5	25,0	137,5
Montemor	50	14	28,0	0,0	7,1	35,7	7,1	0,0	57,1	14,3	121,4
Poiares	96	8	8,3	0,0	25,0	50,0	12,5	12,5	0,0	37,5	137,5
Pombal	49	15	30,6	6,7	6,7	26,7	0,0	0,0	0,0	86,7	126,7
TOTAL:	740	144	19,5	6,3	11,8	31,3	8,3	16,0	9,7	45,1	128,5

Uma elevada percentagem de práticas radicais foi incluída na designação genérica e abstracta de "outros" (45% do total de referências). Trata-se de uma enumeração extremamente vasta de actividades (da escalada ao "bungee jumping" e do "rafting" ao balonismo, por exemplo), mas em que cada uma delas é referida por um número de praticantes bastante inferior aos das restantes actividades constantes do quadro VI.

No que diz respeito à frequência e sazonalidade da práticas destes desportos (quadro VII), apenas uma referência para o elevado número de praticantes com carácter ocasional (33%) e para o facto de apenas cerca de metade dos praticantes possuírem equipamento adequado para a prática das respectivas modalidades (57%). Dependendo do tipo de modalidades praticadas o equipamento é, em regra, caro e pouco disponível nas pequenas localidades tratadas neste trabalho (talvez com excepção das bicicletas de todo o terreno!). Assim, não surpreende que destes cerca de 57% que declararam ter adquirido o equipamento adequado para a prática das respectivas modalidades, 37 % tenham tido de ir fazer as respectivas aquisições fora do local habitual de residência, nomeadamente nos grandes centros urbanos onde podem ser encontrados os estabelecimentos especializados.

Quadro VII - Modos de Prática de Desp. Radicais - Sazonalidade e Equipamento

Escola	Nº	Prática			Equipamento		
		Ano	Verão	Ocas.	Sim	Aq. Res.	Aq. NL
Águeda	43	39,5	20,9	44,2	72,1	18,6	53,5
Covilhã	8	50,0	25,0	12,5	62,5	0,0	25,0
Coimbra	10	20,0	40,0	50,0	80,0	20,0	20,0
Figueiró Vinhos	19	63,2	21,1	15,8	47,4	15,8	31,6
Mealhada	11	27,3	63,6	18,2	63,6	9,1	54,5
Mira	16	43,8	25,0	31,3	68,8	31,3	37,5
Montemor	14	42,9	21,4	14,3	42,9	21,4	21,4
Poiares	8	37,5	12,5	62,5	12,5	0,0	12,5
Pombal	15	33,3	20,0	33,3	26,7	0,0	26,7
TOTAL:	144	41,0	25,7	32,6	56,9	15,3	36,8

Finalmente, uma referência para o modo como os inquiridos percebem a dinamização deste tipo de actividades nas Escolas e nas localidades em que habitam (quadro VIII). Talvez pelo facto de se tratar de actividades de certa forma marginais à prática quotidiana dos cidadãos, quer a Escola, quer as comunidades locais estão pouco motivadas ou mesmo interessadas na divulgação destas actividades. Pelo menos por enquanto!

Quadro VIII - Dinamização local dos Desp. Radicais

Escola	Nº	Dinamiz. DR		Exist.
		Escola	Local	Infraest.
		%	%	%
Águeda	195	15,9	9,2	1,5
Covilhã	50	18,0	12,0	4,0
Coimbra	101	14,9	6,9	5,9
Figueiró Vinhos	49	0,0	8,2	10,2
Mealhada	100	1,0	2,0	3,0
Mira	50	50,0	50,0	18,0
Montemor	50	20,0	8,0	0,0
Poiães	96	0,0	0,0	0,0
Pombal	49	61,2	14,3	8,2
TOTAL:	740	16,4	9,9	4,3

Fruto desta situação será também o facto de apenas 4,3 % dos inquiridos considerarem existirem infra-estruturas adequadas à prática de alguns dos desportos radicais acima mencionados.

5. Conclusão

Após uma primeira leitura, ainda que incompleta, dos inquéritos efectuados, fica-nos a sensação de que apesar da enorme atracção que parecem exercer sobre os Estudantes do Ensino Secundário, é muito reduzido o número dos que declaram praticar Desportos ou Actividades ditas “Radicais”. Destes, muitos fazem-no de forma meramente ocasional e servindo-se do equipamento de colegas ou amigos. Inquiridos sobre as razões que os levam a não praticar as actividades que os atraem, referem invariavelmente a falta de tempo (a necessária ajuda nos trabalhos domésticos e do campo!) e de condições (leia-se capacidade económica para aquisição de equipamento ou para deslocação aos locais convenientes para estas práticas). Não podemos esquecer estar perante estudantes oriundos de famílias com muito baixo grau de instrução e, conseqüentemente, com alguma fragilidade económica. Além disso, a prática desportiva, em geral, é ainda hoje, muito pouco participada em Portugal, quando comparamos com alguns indicadores europeus.

De qualquer modo, a prática de desportos radicais “invadiu” já todo o espaço, não se limitando às regiões mais desenvolvidas do litoral ou aos centros urbanos de maior dimensão, o que parece indicar um modelo de difusão territorial diferente. Algumas das razões estarão subjacentes a factores de implementação dos quais destacamos:

III Congresso da Geografia Portuguesa

- tendência crescente para o individualismo;
- quebra das modalidades desportivas colectivas e tradicionais;
- interesse crescente pela Natureza – as virtualidades ambientais do nosso país;
- clima (verão seco e favorável às actividades de ar livre e de contacto com a Natureza);
- ambiente ainda relativamente pouco degradado em vastas regiões do País (Montanhas, Barragens, Praias, etc.);
- tendência crescente para a globalização das atitudes e valores;
- a importância da divulgação pelos *media* e, particularmente, pela TV.

As respostas obtidas revelam também ao nível da ocupação dos Tempos Livres, as transformações da sociedade se têm reflectido de um modo cada vez mais rápido.

Numa sociedade cada vez mais competitiva, flexível, onde o autodomínio, o êxito rápido são metas a atingir, os *Desportos Radicais*, parecem ter para alguns, alguma correspondência em relação ao tempo de lazer. De resto as palavras “perigo”, “coragem”, “loucura”, “medo” “emoção” foram as mais referidas pelos inquiridos, o que parece reflectir, também, o modo como hoje, os jovens, têm de enfrentar a sociedade, nomeadamente em relação ao mundo do trabalho .

Portugal, dotado de condições privilegiadas para a prática de alguns de estes desportos, não fica alheio a todo este processo. Praticamente todo o país está coberto de por uma rede de eventos das mais diversas “actividades” alguns dos quais inscritos em provas internacionais. Esta circunstância não deixa de ser importante para a promoção de áreas do território nacional que, deste modo, saiem do anonimato o que pode, ainda que de uma forma ténue, constituir algum capital para promover o desenvolvimento.

Referências bibliográficas

- BOUET, M. (1989) – *Les motivations des sportifs*. Paris, PUF.
- CRAVIDÃO, Fernanda e CUNHA, Lúcio (1991) – “Turismo, investimento e impacto ambiental”. *Cadernos de Geografia*, Coimbra, 10, pp. 199-220.
- CRAVIDÃO, Fernanda e CUNHA, Lúcio (1996) – “Tourism and sustainability. The example of coastal Portugal”; In TAUSSIK, J. e MITCHEL, J. – *Partnership in coastal zone management*. Cardigan, pp. 235-241.
- CUNHA, Luís (1989) – “A canoagem – da aventura à competição”. *Rev. Horizonte*, Lisboa, 19.
- JACINTO, Rui e MALTA, Paula (1993) – “Desporto, sociedade e território: o futebol na Região Centro”. *Cadernos de Geografia*, Coimbra, 12, pp. 41-60.
- MACHADO, J. Pedro (1981) – *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Sociedade de Língua Portuguesa, Ed. Amigos do Livro, Lisboa.
- MENDES, A. Gama (1988) – “Notas para uma Geografia do tempo livre”. *Cadernos de Geografia*, Coimbra, 7, pp. 203-217.
- MENDES, A. Gama e SANTOS, Norberto (1991) – “Tempo livre, lazer e território”. *Cadernos de Geografia*, Coimbra, 10, pp. 99-129.
- UMBELINO, Jorge (1996) – *Lazer, desporto e território*. Diss. doutoramento, Lisboa, 335 p.
- Revistas sobre desportos radicais:*
- Bike Magazine*. Motor press, Lisboa (vários números).
- Portugal Radical*.. Quempresa, Famões (vários números)
- Surf Portugal*. Publisurf Edições e Publicidade, Estoril (vários números).